

ANNO 8º

Rio de Janeiro 12 de Fevereiro de 1876

Nº 341

CORTE

Anno 16\$000
Semestre 8\$000
Trimestre 5\$000

PROVINCIAS

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

ALFAMA

REDACÇÃO 70 RUA DO OUVIDOR



L'INCROYABLE---POR BORDALLO PINHEIRO

*J'ai du bon tabac dans ma tabatière
(Tem apenas um defeito--estar aversada.)*

**MUSEU DE RAFAEL
BORDALO PINHEIRO**

DR A. RAMOS DA COSTA
MEDICO
CONSULTAS: DAS 9 A'S 10 HORAS DA MANHÃ,
NA PHARMACIA DA

62 P. da Constituição 62

A outra qualquer hora, na

33 RUA DA GUARDA VELHA 33

NÃO! NÃO!!
ROCAMBOLE
NÃO MORREU!!

A Gazeta de Noticias

Começou

a publicar

a continuação
do romance

ROCAMBOLE

GAZETA DE NOTICIAS

ESCRITORIO

70 RUA DO OUVIDOR 70

OPOPONAX EXTRACTO,
SABONETE
POLVILHO

AO GRANDE MAGICO

107 RUA DO OUVIDOR 107

GRANDE ESTABELECIMENTO

DE

BANHOS

149 RUA DO OUVIDOR 149

perto do largo de S. Francisco de Paula

Este estabelecimento acha-se montado
com todas as accommodações e asseio que
exige uma casa d'este genero, podendo ser
frequentado pelas familias.

Banhos quentes, frios, de chuva e
medicinaes.

Assignaturas com grande
abatimento.

GRANDE EMPORIO

DE

VENTAROLAS CHINEZAS

NA

Galeria de Dresden

55 RUA DA URUGUAYANA 55

DR LUIZ PIENTZENAUER
Medico-Cirurgião

E

PARTEIRO

Consultas nos dias uteis das 12 á 2 horas
da tarde, na casa de sua residencia

65 RUA DE THEOPHILLO OTTONI 65

SOBRADO

DR SILVINO DE ALMEIDA

ESPECIALIDADE

DE

MOLESTIAS DE PELLE

30 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 30

Flores do Campo

UM VOLUME, POR

EZEQUIEL FREIRE

Livraria GARNIER, Ouvidor 65

A MINERVA deposito de fundas,
instrumentos de optica,
mathematica,
photographia e musica. Paramentos de
igreja e sortimento variado de imagens:
rua da Quitanda, 29.

CAMPANHAS ELECTRICAS

AO GRANDE MAGICO

107 RUA DO OUVIDOR 107

LIVROS EM BRANCO

E

OBJECTOS DE ESCRITORIO

Moreira Maximino & C.

111 RUA DA QUITANDA 111

DR LACERDA COUTINHO

MEDICO

57 RUA DOS ARCOS 57

O MOSQUITO

PUBLICA

Anuncios Illustrados

E NO CORPO DA FOLHA

70 RUA DO OUVIDOR 70

O DR FERREIRA DE ARAUJO
MEDICO

119 RUA SETE DE SETEMBRO 119

MINIATURAS poesias por GONÇALVES
Crespo—á venda na rua
do Ouvidor n. 70.

G. JOPPERT & C.
IMPORTADORES
PAPEL DE IMPRESSÃO

DE

TODAS AS QUALIDADES

63 RUA DO G. CAMARA 63

GAZETA DE NOTICIAS

FOLHA NOTICIOSA E COMMERCIAL

PUBLICA TODOS OS DIAS

TELEGRAMMAS

NOTICIAS LOCAES

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

NOTICIAS MARITIMAS

MOVIMENTO COMMERCIAL

PREÇOS CORRENTES

DE GENEROS DO PAIZ

FOLHETINS

Publica-se todos os dias

ASSIGNATURAS POR TRIMESTRE

Corte 3\$000

Provincias . . 4\$000

ESCRITORIO

70 RUA DO OUVIDOR 70

MASSA INSECTICIDA

Destruição immediata

DAS

baratas, ratos, etc.

AO GRANDE MAGICO, Ouvidor 107.

Sabhi á luz e acha-se á venda na livraria
do editor Serafim José Alves, á praça
D. Pedro II n. 16, a

SELECTA
ANGLO-AMERICANA

DO

DR FELIPPE M. A. CORREA

obra adoptada pelo conselho de instrução
publica e approvada pelo governo para
servir de texto nos exames da instrução
publica e no imperial collegio de Pedro II,
1 vol com 400 paginas impressas em-8. °

O CULTIVADOR

Periodico Agricola

PUBLICANDO MENSALMENTE

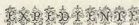
UM NUMERO DE 28 PAGINAS, EM 4. °

ASSIGNA-SE NA LIVRARIA

DE

Serafim José Alves

16 Largo do Paço 16



Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicações, que nos foram obsequiosamente enviados:

AO REVM SR PADRE ALMEIDA MARTINS—*Lições de Psychophis* extrahidas do compendio philosophico do padre Barbe, conforme o programma dos exames. Alem de muitas outras coisas, occupa-se d'aquelle

ente

Que anthropologicamente

Chamamos eu e não eu.

A' EXMA DIRECTORIA—o *Relatorio* da Caixa de Soccorros de D. Pedro V no anno de 1875, mostrando mais uma vez os relevantes serviços de tão bem-merecedora instituição.

AO SR J. CANDIDO TEIXEIRA—o seu discurso por occasião da entrega de uma palheta de prata ao pintor mineiro José Mendes Barboza. Salvo a intenção, o Sr Candido devia propôr-se candidato ao lugar de orador de sociedade carnavalesca.

AO GR... OR... DO BRAZIL, *Lavradio*—o seu *Boletim* de janeiro ultimo.

SR L. P.—Não se pode acudir a todos ao mesmo tempo. Deixe estar que não perde com a demora.

SR A. M. Quem sabe se o Sr não quer tambem que o desmamem?

Ao folhetinista do «Jornal do Commercio»

Venho finalmente agradecer a V. Exc. as amabilidades com que me honrou no seu folhetim de 39 do preterito, e contestar a necessidade notada por V. Exc. de conselhos que não pedi, e menos autorizados pelo meu procedimento.

Desde logo ter-me-hia dirigido a V. Exc. se a enfermidade que acabo de debellar não me houvera contrariado os intuitos.

O cartão que tive a ousadia de endereçar a V. Exc. não importa de certo um cartel de desafio, que para tanto me não sobejam forças; prova sómente a consideração que me mereceram as reflexões de V. Exc. sobre o meu trabalho e caracter—o que sendo uma honra agradecer, é tambem, pela maneira por que estão concebidas, perdoe-me V. Exc. uma leviandade injustificavel que não posso deixar sem protesto.

V. Exc. deve saber perfeitamente a historia da caricatura; se lhe lembresse agora o que ella tem sido até hoje e deve ser no futuro, resultado a que, por um simples processo critico, chegaríamos talvez sem grande esforço; os meios que lhe são proprios e o scopo a que se dirigiu sempre, que não ha manifestação artistica sem finalidade moral;—certamente, e com justissimas razões, os brios litterarios de V. Exc. revoltar-se-hiam indignados.

De tão feio peccado, creia V. Exc., nunca me accusará a minha consciencia catholica.

Isto posto, dê-se V. Exc. ao incommodo de examinar os meus trabalhos, e julgará depois se houve ou não censuravel desvio moral e precipitada apreciação critica no anathema tremendo que sem piedade nem excepções verberou sobre os caricaturistas fuminados.

Ha cinco annos que trabalho na imprensa, e afora o *Mosquito*, tenho collaborado na *The Illustrated London News*, da qual fui correspondente effectivo durante a revolução hespanhola, *El mundo conico*, *Illustracion espanola y Americana*, *Illustracion de Madrid*, *Unicos Illustré*, *Artes e Lettras*, *Dioculo*, *Lanterna Magica*, etc., etc.

Pois bem: de todos os meus desenhos dois apenas, publicados no *Mosquito*, poderão talvez, não sem algum trabalho preparatorio, ser premiados nas garras inexoraveis da terrivel sentença de V. Exc.

Esses mesmos, quando os não justificassem as manifestações da opinião publica, da qual não são mais que a expresso verdadeira e fiel, bastara para que me fosse alliviada a pena, declarar aqui os motivos particulares e ponderosos que me levaram a executal-os.

E não pense V. Exc. que tento eximir-me por esta fórma, da responsabilidade que me cabe em taes desenhos.

Nunca, Exm. Senhor.

Esse juizo da parte de V. Exc. ou de quem quer que seja, quando não fôr clamorosa injustiça, seria manifesta inverdade, pois não ha trabalho meu que não tenha por baixo todas as letras do meu nome.

Nem contrariamente procede quem nasceu e se desenvolveu nas luctas enormes e quantas vezes mortíferas, do trabalho, obscuro embora, mas honesto e digno.

Pôr não criminosa na propriedade alheia é crime previsto nos codigos—V. Exc., advogado distincto, sabe-o perfeitamente.

A estima publica, á custa de sacrificios a numeros conquistada palmo a palmo, não será para o artista uma propriedade digna de todo o respeito, inviolavel tambem?

Mais ainda—merecedora de estar ao abrigo dos assaltos, não digo criminosos, mas impensados, pesa-me escrevel-o, como os de V. Exc?

E tanto mais quando o artista victimado, sobre ser caricaturista, trabalha em terras que não são as do seu berço!

Eu sei que a sociedade em que vivo arvorou de ha muito em dogma a hospitalidade franca, verdadeira e amigã; e porque se lhe enfora assim a bondade proverbial distinctissima, tem direito tambem a que o hospede lhe vote, sincera e lealmente, com todo o reconhecimento, todo o seu respeito.

V. Exc. leu infallivelmente não só a conscienciosa carta do meu amigo e mestre o Sr Luiz Borgomainerio, como tambem a do festejado e distincto artista o Sr Angelo Agostini.

Não pudera Exm. Sr. dizer melhor, nem tanto, quem lhe dirige estas linhas.

E permita-me V. Exc. que chame de novo a sua preciosas attenção para esses trabalhos, que subverbero completamente.

Medita-os V. Exc. e verá mais uma vez quanto foi leviana a condemnacão em massa de todos nós, os caricaturistas estrangeiros.

Pego de novo desculpa por classificar de leviana a opinião de V. Exc. mas repito—ensinaram-me de ha muito a admirar em V. Exc. um talento cultivado e distincto, e preffiro portanto attribuir á precipitação de juizo o que, em verdade, não é mais nem menos que uma injustiça inqualificavel e absurda.

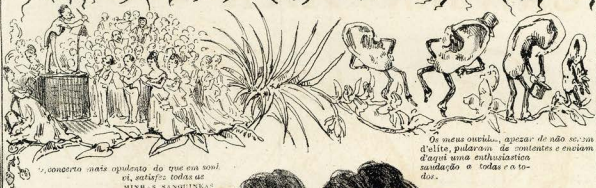
Sinto Exm. Sr. que os conselhos tão espontaneamente dados por V. Exc. não possam ter da minha parte nem adhesão, nem agradecimentos.

Tenho a honra de. ser de V. Exc. humilde admirador.

Raphaél Bordinho Pinheiro.

Rio de Janeiro, e casa de V. Exc.—rua nova das Laranjeiras n. 6. 11 de fevereiro de 1876.

MISSA REQUIEM (REALIDADE) por BORDALLO PINHEIRO



...concerto mais opulento do que eu sou-
vi, satisfaz todas as
MINHAS SANGUEIRAS
ESPERANÇAS.

Os meus ouvidos, apesar de não se-
rão d'elite, pularam de contentes e enciam
d'agora uma entusiástica
saudação a todas e a to-
dos.



Que encanto para o ouvido: e que pre-
stígio para os olhos.

que ao som das melodias esplendidas do Dies-ir-
ram surgir aquellas esplendidas madonas de mu-
rillo, com toda a magnificencia da seu colorido e
opulencia de seu contorno. A realidade vai sempre
além da phantasia.

Cada dia mais realista e apoia-
nado pela natureza, (com lição de
Srs Pacheco e Angelo Agostini).



...que o Apostolo cante a missa
de Verdi tão nualemente, e eu
sou Reaccionario!!!

Óh! que Arthur nos podesse dar
fazer semelhantes todos os dias—seria-
mos felizes.—Parabéns a todos, espera-
mos a outra.



acrescento ao minarado passando um pé-
de 320 roças, que se tivessem entrado no meu sonho
o fariam um pesadelo. Desencodem-se nas
frescuras da Typico.

BOATOS S. G. D. G.

Icario [Rozendo tem entre mãos uma obra de bastante folego com o título—*O Gerinú e sua influencia na poesia e nas secretarias*.

O Sr Dr Gonzaga Filho obteve o logar de inspector da limpeza por meio do *hypnotismo* (não ler *nepotismo*).

Brevemente fará o Sr Zaluar uma conferencia explicando o *Dr Benignus* e as relações de parentesco entre os cedros do Libano e os do Brazil.

Irão ouvir-os todos os Surdos-Mudos.

O Sr João Chrysostomo propõe-se deputado. Parece que conta representar o Mar-de-Hespanha.

João Censura vai ser nomeado presidente da commissão encarregada de dar parecer sobre a encampação da Nictheroyense das barcas Felizardas. Os outros membros são os Srs Anisio e Xavier.

O Sr Moreira d'Azevedo prepara uma memoria comprovando o seguinte importante ponto historico: *As candelas do Largo do Paço são francezas*.

O Sr Paranhos Junior está annotando o Relatorio sobre bellas artes do Sr França, tambem Junior.

DIOGO BERNARDES

Fabricante de Boatos S. G. D. G.

O CAIPIRA

Ha pouco quando se discutia em França a nova lei de imprensa, um escriptor insignificante, um Alphonse Karr, disse que a unica reforma na imprensa seria exigir habilitações no escriptor, assim como se exigem para o medico, para o advogado, etc.

Se em França esta reforma se torna necessaria, entre nós é urgente, é indispensavel. Se percorrermos as redacções dos nossos jornaes, d'aquelles que têm obrigação de guiar e conduzir a opinião e não de procural-a seguir e lisongear-a, nós veremos que esses logares são occupados por curiosos, por bachareis em direito que não conseguiram clientela, isto é, não conseguiram fazer carreira por aquillo que estudaram, e a pretendem fazer por aquillo que ignoram.

Assim, ha mais de tres annos que o *Jornal* publica semanalmente, em estilo de modina, um apontado de reclamações contra tudo e contra todos.

Nasce d'ahi uma visivel contradicção e é que, ou os assumptos tratados pelo *Caipira* não têm importancia real, ou a tem e n'esse caso corria a um jornal sério e sisudo o dever de promover os melhoramentos apontados no *rez de chaussez*, em tom mais grave e não em estilo de boticario de aldeia, que diz a sua chufa e o seu epigramma, de que nem sempre a grammatica sai a salvo.

O folhetim é uma invenção puramente litteraria, não é rol de ruas elaboradas nem de interesses particulares, que anonymamente se façam ouvir por aquelle meio.

E' por isto que o *Jornal* é *sui-generis*. O *Jornal* deve, como todas as folhas, receber os principaes órgãos de toda a parte do mundo: onde viu elle descambar o folhetim nas profundezas immundas a que o tem rebaixado o actual *Caipira*? Que jornal é esse, que não tendo coragem de atacar a sério o mais pequeno dos vicios dos nossos costumes, consente que elles sejam tratados por um palhaço?

Mas o palhaço faz rir, e nada mais.

O riso provocado pelo palhaço, não tem os mesmos effeitos que o riso provocado pela ironia, por essa arma que tudo consegue e tudo derruba.

E' triste, é doloroso vêr assim occupadas por banalidades as paginas que podiam fazer o brilho e a gloria da nossa infant litteratura.

O *Jornal* é o primeiro órgão do paiz, e incontestavelmente o mais lido, aqui e lá fóra. Que idéa não se fará de nós, quando se meditar que aquelle lençol de a *petidos* é o reflexo da nossa civilisação?

Acreditará o *Jornal* que elle é só feito para ser lido na Praça do Mercado? Que obstinação é essa dos Srs emprezarios de jornaes, em os quererem fazer sem jornalistas? Porque não se lembram de os imprimir sem o papel?

E' por essa razão que nós vemos affastados das lides da imprensa, que outr'ora lhes foram tão gloriosas, escriptores, como Octaviano, José d'Alencar e outros.

Agora lá anda o *Caipira* lutando com o Sr Zacarias. Não é difficil prever a quem pertencerá a victoria. D'um lado temos um homem illustrado, de talento provado e de espirito recto. Do outro temos o *CAPIRA*, o *Caipira* que por mais de dois annos dirigiu na *Vida Fluminense* as maiores diatribes aquelles que hoje lhe dão o logar de que tão mal se serve, o *Caipira* que todos os dias inventa palavras, como inventam a decima ou rima!

Veja o publico, veja as auctoridades, veja todos a que mãos está entregue a critica dos acontecimentos!

Continúa *Caipira*, continúa as tuas cartas, muito similhantes a uma correspondencia entre o Traviata e a Pastorinha dos Alpes, continúa a enlamear o roda-pé d'esse edificio, de que um dia novo inquilino te expulsará como incapaz e má figura.

SABBADOS E DOMINGOS

GUERRA IN-CIVIL

Zé Menezes joga as cristas
com todos os desenhistas,
e diz,

em tom de propheta d'almanack:

—encosta! *J'ai du bon tabac!*

Infeliz!

Se algum d'elles te chimpa co'a caneta

lá se vai o tabaco e a boceta!

Olha, Zé,

nem com tanta sêde ao pote

Se não queres perder pé,

aperta-te e compra um bote...

de rapé.

Bon.

SABRÍCOS

Estava tudo no mais completo socego na sagrada baúca da Rua Nova do Ouidor, quando de repente o Sr José Bento veio perturbar aquella *engano d'alma, todo e cego*, dirigindo uma circular aos bispos brasileiros afim de começarem a attender ás necessidades das suas ovelhas, provendo de vigarios collados as freguezias que d'elles carecem.

Collados ou descollados, os vigarios hão de sempre tosquiar, nas occasiões opportunas, a carneirada entregue aos seus paternaes cuidados—e tesouras. Viva Deus, os amigos são para as occasiões e os carneiros catholicos tambem.

Aproveitar, pois, enquanto Brás é thesoureiro.

Não quer porém o *Apostolo* que vá por diante a idéa colladora do Sr José Bento, até agora um dos alfenins d'aquelle orgão da candidatura do Dr Reis-Patusco, o qual, aqui para nós, parece-me que ha de dar bem bons burros ao diabo.

Lá se vão agora as illusões do collega. E' bem feito: pois não o gabava tanto? Agora assoc-se a esta.

Contudo, o *Apostolo* tem razão de se admirar d'aquelle medida adoptada por um ministro que até, habitualmente—para mostrar talvez aos bons *Catholicos* a sua igualdade de vistas—assigna de cruz.

O que é facto é que o Sr Bento é possuido da mania das collações.

Haja vista o negocio do lixo. O Sr Richard está collado e quem fór capaz que o descolle.

Quanto á limpeza... o melhor é não fallarmos de coisa tão suja.

E nem é preciso, desde que se deu logo ordem para a commandita Richard ser embolsada de 12:504\$580 pela limpeza e irrigação da cidade, nos ultimos quatorze dias de janeiro, e no fim d'este mez se ha de dar outra ordem para lhes entregarem os 27:888\$ rs. mensaes—desde que estes pagamentos andam feitos em dia, pouco importa que o lixo se amontoe pelas ruas e que os pragueiros chamem a toda esta coisa—uma desaforada patota.

E' que não ha santo como Santo Empenho.

E' desenganar. Quantas gritarias se têm feito por causa das loterias, em cujo escriptorio official não se encontram á venda bilhetes que não sejam *gratuitos*! Qual o resultado?

Os thesoureiros e seu rancho continuam a passar sem novidade em sua importante saude.

Quando, pelo maior dos acasos, eu sinto uma nota de vinte a fazer-me cocegas no bolso, nunca tive a infeliz idéa de a ir trocar por bilhetes d'umas loterias que andam sujeitas a tantos

enganos de duplicatas de uns numeros e falta de outros, quando se faz a extracção. De certo não será agora que o farei, quando além do preço de custo se paga uma grossa commissão, a titulo de garantir não sei o que, pois as trapalhadas podem repetir-se como d'antes.

Não faço pois d'isto uma questão pessoal, mas parece-me que os Srs thesoureiros precisam de ser chamados á ordem. Se querem ser cambistas, sejam-o muito embora, mas então larguem o cargo. Estarem alli para vender bilhetes por conta do Estado, que lhes paga, e paga bem, o trabalho, e accrescentar a isto um *ganchinho*, que é uma verdadeira imposição aos jogadores, é muita sardinha por um vintem.

E se nas regiões superiores não ha quem moralise estas trapalhices, digam isso, para os jornaes que ainda não estão vendidos ou alugados ao governo, recommendarem ao publico um jogo muito interessante, porém prohibido—a vermelhinha.

Infelizmente as regiões superiores não me parecem destinadas a moralisar coisa que valha—entenda-se, por falta de tempo. Cada dia se vê mais uma *novidade* e nada de novo.

No outro dia fui ao Circo Chiarini vêr as zebras. Num camarote estavam umas fulanas, por signal feias como peccados moftuos, com as respectivas curas caídas, que mais pareciam presuntos encapados, fallando para o circo, para as galerias, e inclusivamente para quem assomava á entrada do recinto. Em certo momento, uma d'ellas que tinha um *totó* no regaço, atirou-o ao circo, e ahí entraram ellas ás gargalhadas e aos pinchos e exclamações.

Não se pôde ser inimigo d'uma doce alegria, mas tudo tem seus limites, e se não se pôde prohibir que no seu camarote aquellas damas alegres riam e gracejem umas com as outras, deve a auctoridade fazer-lhes notar que em camarotes visinhos ha familias, a quem pouco pôde aproveitar ouvir a conversa, aliás instructiva, de tão amáveis damas.

Do contrario poderá pensar algum ingenuo—o leitor, por exemplo—que as ditas auctoridades fecham os olhos a umas tantas coisas porque são tambem de carne o osso, e não aspiram a ser santos.

Mas Pin, que não parece sujeito a estas debilidades da carne, pôde muito bem mandar chamar estas *grandes damas* e obrigar-as a assignar termo de bem viver.

Quando digo «obrigal-as a assignar» subentende-se, se souberem escrever.

Bon.

